



## **ARTE ESOTÉRICA RELACIONADA AOS MISTÉRIOS DA VIDA E DA MORTE**

Ricardo do Uhry<sup>1</sup>

**Resumo:** Vida e morte suscitam mistérios e o uso de imagens artísticas traz certa concretude e ajuda a compor o imaginário esotérico. O objetivo do artigo é considerar as diferentes concepções artísticas relacionadas aos mistérios da vida e da morte que contribuem para construir uma visão relacionada à arte esotérica a partir dos imaginários budista tibetano, indiano do Bhagavad Gita, egípcio antigo com reflexos atuais na rosacruz, católico brasileiro e da própria morte, a partir de um recorte estético-artístico chocante. O método consiste em pesquisa exploratória, bibliográfica de abordagem ensaística e está estruturado em introdução, imagens artísticas e conclusão. Nos resultados, salienta-se que as imagens artísticas sobre a morte, a vida e o renascimento (ou reencarnação) podem contribuir para possibilitar visibilidade que permite mais reflexões sobre os mistérios da existência. Nas conclusões, sugere-se que as imagens apresentadas possam ser associadas ao que se poderia chamar de arte visual esotérica, um aspecto essencial nas concepções esotéricas que podem ser relacionadas aos mistérios da vida e da morte, pelo menos nas perspectivas budista tibetana, indiana do Bhagavad Gita, estético-artístico, egípcia antiga com reflexos atuais e católica brasileira. Assim, partir de uma sintética interpretação semiótica, infere-se que as imagens artísticas podem ser consideradas fundamentais na construção de imaginários esotéricos, o que se constitui uma questão inovadora e instigante.

**Palavras-chaves:** Artes visuais. Imaginário. Bhagavad Gita. Egípcio antigo. Catolicismo.

## **ESOTERIC ART RELATED TO THE MYSTERIES OF LIFE AND DEATH**

**Abstract:** Life and death raise mysteries and the use of artistic images brings some concreteness and helps to compose the esoteric imaginary. The objective of the article is to consider the different artistic conceptions related to the mysteries of life and death that contribute to build a vision related to the esoteric art from the Tibetan Buddhist, Indian imaginary of the Bhagavad Gita, ancient Egyptian with current reflections in the Rosicrucian, Brazilian Catholic and of death itself, from a shocking aesthetic-artistic approach. The method consists of exploratory, bibliographical research with an essayistic approach. In the results, it is pointed out that artistic images about death, life and rebirth (or reincarnation) can contribute to enable a visibility that allows more reflections about the mysteries of existence. In the conclusions, it is suggested that the images presented can be associated with what could be called esoteric visual art, an essential aspect in esoteric conceptions that can be related to the mysteries of life and death, at least in Tibetan Buddhist, Indian

---

<sup>1</sup>Doutorando em Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná UTP), Mestre em Administração (Universidade Federal do Paraná UFPR), especialista em Linguística e Literatura Brasileira (UFPR), linguista e escritor, fotógrafo, professor da Faculdade URCI, pesquisador voluntário e coordenador do Núcleo de Pesquisas de Curitiba da Universidade Rose-Croix Internacional URCI; membro do grupo de pesquisa INCOM Interações comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (UTP). E-mail: ricardouhry@yahoo.com.br. <https://orcid.org/000-0001-6296-7258>.



Bhagavad Gita, aesthetic-artistic, ancient Egyptian with current reflections and Brazilian Catholic perspectives. Thus, from a synthetic semiotic interpretation, it can be inferred that artistic images can be considered fundamental in the construction of esoteric imaginaries, which is an innovative and instigating issue.

**Keywords:** Visual arts. Images. Imaginary. Bhagavad Gita. Ancient Egyptian. Catholicism.

## Introdução

Em princípio, pode-se considerar que o esoterismo designa o conhecimento dos mistérios, entre os quais estão os de diversas tradições com relação à vida e à morte e dos quais há o que pode ser considerada a arte esotérica, a da simbologia esotérica de imagens que representam conceitos e criam no imaginário uma visibilidade que é culturalmente atribuída a tais concepções que transcendem as preocupações humanas corriqueiras.

Para Durand (2011; 2019), a produção imaginária está relacionada aos processos de consciência que guiam o homem para que escape de uma espécie de estática existencial. Isso, ao mesmo tempo, conforta sua angústia devido a sua incapacidade de dominar o futuro, “ao imaginar as figuras plenamente imaginárias” as divindades, céu, inferno, espíritos, fantasmas “para imaginar o pós-morte.” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2014, 140-141).

Legros, Monneyron, Renard e Tacussel (2014, 141) destacam que a “criação imaginária corresponde aos princípios particulares que é preciso distinguir dos mecanismos da simples representação”, ou seja, é uma criação artística que “só é possível fazer sua análise integrando as particularidades da visão da criação imaginária.”

Uma coletânea de pesquisas esotéricas (UHRY, 2021) trouxe tais concepções de vida e morte que permitem melhor entender algumas imagens que podem ser associadas a diferentes concepções da vida e da morte e, assim, neste artigo se apresentam algumas imagens e registram interpretações sob o viés da semiótica.



## Imagens artísticas e esoterismo

Inicialmente, metodologicamente, quanto às imagens, Greimas e Courtés (1979) expõem que na “semiologia da imagem a iconicidade dos signos faz parte da própria definição de imagem”, ao passo que a semiótica “considera a iconicidade como um efeito de conotação veridictória, relativa à determinada cultura”, que julga certos signos mais reais que outros e que pode conduzir “a regras de construção de um faz de conta cultural” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 226).

Do que se depreende que cada cultura dá sua conotação a um signo, no sentido de ser verídico ou não. E, a partir de diferentes imagens, surge a possibilidade de interpretação de concepções artísticas relacionadas à vida e à morte, que exigem análise, reflexão e interpretação.

Por exemplo, imagem e registros do budismo tibetano, que incluem o Bardo Thödol, são escritos - sendo originalmente frutos da oralidade - que são transmitidos por gerações na cultura tibetana e são aceitos como verídicos e usados ainda hoje nos rituais de morte e chegam a pesquisadores do Ocidente como algo misterioso.

Exemplo de imagem artística é a da roda do samsara que traz o processo de vida, morte e renascimento, a roda da existência cíclica, a seguir.

Imagem 1: roda de samsara



Fonte: Instituto Ishindo, 2020.



A Imagem 1 mostra, desde a margem direita do rio: Vida, figura feminina de branco, que abre seus braços para acompanhar o nascimento de um ser humano, que vai crescendo até se tornar adulto, e faz o círculo da vida, que o leva à margem esquerda do rio, amadurecendo até chegar à velhice e retorna ao mesmo rio, e então se curva e mergulha nos braços da Morte, figura feminina de vestes escuras. Neste ponto em que se ligam o fim da vida do velho, há um encontro, do outro lado do rio, com os braços da Vida, em que renasce uma criança, evidenciando-se o símbolo do Infinito que está a ligar a Morte e a Vida. Fecha-se o ciclo de samsara: nascer – viver - morrer - renascer - viver – morrer... que é a roda da existência cíclica. Na parte inferior, no primeiro plano da imagem, dá para ver que o mesmo processo nascimento – morte - renascimento é comum a todos os seres.

Imagens relacionadas com o budismo tibetano têm origem no tantrismo, como a roda da samsara abaixo, que é a mais conhecida, e da qual há muitas versões, nas quais, na parte superior, a Morte está representada em um buda cercado de muitas caveiras, e, à sua frente, está a roda da existência cíclica, na qual se destacam os seis caminhos: todos levam à morte e ao renascimento. Acima da imagem, à direita da ilustração, há um buda que olha para o lado oposto, em que há uma lua e, adiante, um local para os seres iluminados, aqueles que conseguem se libertar da roda da existência cíclica. O olhar do buda para a lua indica o caminho do nirvana e mostra que há possibilidade de libertação da roda do samsara.



Imagem 2: roda de samsara



Fonte: Sou Indigo, 2020.

A seguir se apresentam imagens tântricas das divindades pacíficas e das furiosas que surgem nos estágios intermediários na concepção budista tibetana para quem está passando pelo processo de transição.

Imagem 3: Assembleia das 42 divindades pacíficas.



Fonte: Coleman et. al, 2010, p. 485.



Na imagem 3 nota-se claramente a influência tântrica, pois na parte central estão em união os budas primordiais masculino Samantabhadra e feminino Samantabhadri, assim como na figura seguinte (Imagem 4) também estão os budas primordiais masculino Heruka e feminino Krodhesvari em união.

Refletindo a propósito e buscando interpretar, pode-se sugerir que são concepções muito misteriosas para nós ocidentais, por julgarmos certas imagens artísticas “signos mais reais que outros” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 226), simplesmente por não fazerem parte de nossa cultura ocidental.

Imagem 4: Assembleia das 58 divindades furiosas.



Fonte: Coleman et. al, 2010, p. 493.



As figuras artísticas do masculino e feminino em união são do imaginário budista tibetano, mas não pertencem ou são bastante estranhas ao imaginário ocidental. São assim percebidas como misteriosas e incompreensíveis. Imaginário pode ser definido como “uma interpretação, uma significação, um sentido relevante individual ou socialmente atribuído a um acontecimento”, uma obra artística, um fenômeno “que passou a ter sentido para alguém” (SILVA, 2017, p. 25).

Por não “ter sentido” para um ocidental, é muito pouco provável que em seu pós-morte venha a experimentar os bardos exatamente como está descrito no Bardo Thödol e vislumbrar tais imagens tântricas das divindades pacíficas e das furiosas como apresentadas nas imagens anteriores, que podem ser consideradas projeções da psique humana a partir da perspectiva do imaginário budista tibetano.

Como não pertencem ao nosso imaginário, em que predomina a concepção cristã católica, é também difícil acreditar que tais imagens surjam em nosso pós-morte, apesar de que o que irá se suceder no além é um mistério. Talvez as projeções psíquicas que nos surjam estejam mais associadas ao imaginário católico ou evangélico ou outras crenças.

De qualquer forma, conhecer tal concepção budista tibetana pode nos permitir manter a consciência diante do que quer que seja que nos espere no pós-morte e mesmo nos ajudar harmonizar com a Clara Luz, quando nos defrontarmos com a morte.

Concebido sob a perspectiva do budismo tibetano, o desvendar os mistérios da vida e da morte sob a concepção budista tibetana de vida é marcada pela concepção da roda da existência cíclica, pelos budas de que mostramos imagens e pela lei do carma, além de expor sobre as práticas relacionados aos bardos (que são os estágios intermediários), destacar a importância da aceitação e da preparação para a morte e enfatizar a jornada em busca do desenvolvimento espiritual que permita a liberação da roda do samsara ou, pelo menos, permita conseguir méritos de prática meditativa que permitam um bom renascimento.

Outra concepção está no Bhagavad Gita, livro sagrado para os indianos e outros estudiosos e, para nós ocidentais, constitui-se um mistério a desvendar. Quanto às imagens artísticas relacionadas, a roda de samsara é semelhante à



concepção do budismo tibetano, como se vê na imagem a seguir, que apresenta o ciclo da existência a partir do nascimento, ligado à terra, crescendo e seguindo até a velhice e até a morte do corpo, que volta à terra, e a alma assume outro estado de ser, outra forma de existência até reencarnar em um corpo.

Imagem 5: roda de samsara



Fonte: Misteriosa Índia, 2020.

Se considerarmos uma obra como o Bhagavad Gita como uma “narrativa mítica”, podemos nos valer da proposição de Greimas e Courtés (1979), que destacam dois níveis de análise: o nível discursivo de superfície que, no caso da análise da narrativa do Bhagavad Gita, envolve as ações dos atores da obra que são construídas no imaginário com auxílio das imagens artisticamente concebidas de Krishna, Arjuna, Pandavas, Kauravas e que culmina na guerra de Kurukshetra; e o nível mítico de análise, que é “mais profundo” e que traz “significações abstratas que articulam as preocupações fundamentais do homem e da cultura em que vive” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 345), que são exatamente questões essenciais que são comuns à humanidade.

Para as imagens artísticas, uma possível interpretação seria a do imaginário. Legros, Monneyron, Renard e Tacussel. (2014, p. 9-10) destacam as possibilidades da





“sociologia das profundezas que procura alcançar as motivações profundas, os circuitos dinâmicos que subjazem e animam as sociedades humanas”, pois o imaginário “é produto do pensamento mítico”, que é “um pensamento concreto que se exprime por imagens simbólicas”, o que permite “interpretações do imaginário” e pode ser associado à semiótica da cultura de Geertz (2008).

Por exemplo, na imagem a seguir, vemos cena ilustrativa da narrativa mítica do Bhagavad Gita em que, por ocasião da guerra de Kurukshetra, envolve os atores Krishna, de cor azulada, no centro da imagem, erguendo uma roda em uma das mãos e a outra fazendo um gesto de poder. Segurando-se em sua perna está Arjuna, que o acompanha, tendo ambos descido de sua biga e deixado um rastro de fumaça branca. Ambos parecem se dirigir à biga dos Kauravas, em que há um ancião e outro personagem. Na imagem artística também se vislumbram alguns mortos.

Imagem 6: Guerra de Kurukshetra



Fonte: Instituto de pesquisas psíquicas Imagick, 2020.



Quanto a possíveis interpretações, tanto das imagens e das obras tibetana e indiana, a abordagem da semiótica da cultura de Geertz (2008) nos ensina que o “mistério” é enriquecedor porque “desloca nosso senso de familiaridade”, por estarmos diante do desconhecido, frente a outra cultura, que nos permite conhecer, analisar e procurar desvendar uma diferente “teia de significados em que o homem tece sua existência” (GEERTZ, 2008, p. 4-10). É o que podemos expor e evidenciar ao nos debruçar descritiva e reflexivamente sobre as imagens artísticas relacionadas aos mistérios do budismo tibetano e do mítico Bhagavad Gita indiano.

O maior desafio da ciência interpretativa é exatamente “situar-nos entre eles” - os tibetanos e os indianos, nos exemplos – e tentar desvendar os mistérios das diferentes concepções de vida, morte e além. O imenso desafio do pesquisador é exatamente o de “relatar a base na qual se imagina estar situado”, segundo as outras perspectivas, ou seja, precisamos mergulhar fundo nas culturas alheias e misteriosas e assim “falar por alguém”: um budista tibetano, um indiano. É o que se constitui e “parece ser um processo misterioso” (GEERTZ, 2008, p. 10). Na verdade, trata-se de um conhecimento ao qual não tivemos acesso direto, embora os autores dos artigos da coletânea (UHRY, 2021) tenham tentado desvendar, a partir de diversas fontes tibetanas e indianas referenciados nos artigos.

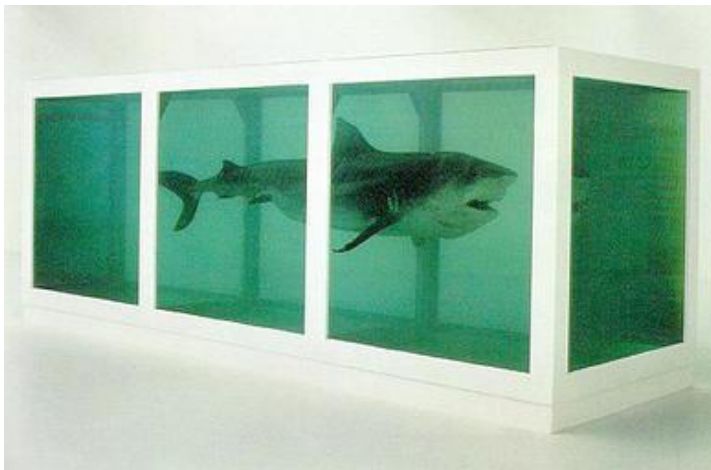
Da perspectiva semiótica, Fontanille (2005, p. 78) registra que a “significação só é perceptível na transformação” da “diversidade e da complexidade das manifestações”, o que exige a “experiência da polissensorialidade”, o desenvolver do “polissensorial” que concerne “ao estatuto semiótico dos modos do sensível” (FONTANILLE, 2005, p. 78-80). O que sugere que o imaginário da morte nos torna, em princípio, insensíveis à beleza da morte, e Fontanille sugere que precisamos experimentar múltiplas possibilidades sensoriais para nos defrontarmos esteticamente frente a tal mistério.

É o que nos ajuda a entender o desafio de nos sensibilizar esteticamente com a própria morte, que coube a Teresa Lousa e José Eliézer Mikosz (2021), que destacaram que a arte ocupa um lugar central em nossa cultura e faz uma conexão ancestral com o horror, no sentido de que a arte é alternativa e performativa à produção de novos conhecimentos, de forma paralela e alternativa à racionalidade. Através da mediação da arte com a realidade da morte, por meio de suas



representações e sua mimese estética, é que somos levados a “transformar”, representar e nos “sensibilizar” com um mistério com o qual não conseguimos nos defrontar: o imaginário da morte associado à arte (adaptado de LOUSA; MIKOSZ, 2021) pela ousadia de um artista como Damien Hirst (2017; 2018):

*The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living* se incorporou à cultura popular como uma das imagens mais icônicas da arte contemporânea. “[...] O trabalho consiste em um tubarão-tigre de 13 pés preservado em um tanque de formol, pesando um total de 23 toneladas. O tubarão está contido em uma vitrina de aço e vidro três vezes maior que a altura e dividido em três cubos (LOUSA; MIKOSZ, 2021, p. 91-92)



Figuras 6: *The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living*. Fonte: Hirst (2017). *For the Love of God*. Fonte: Hirst (2018).

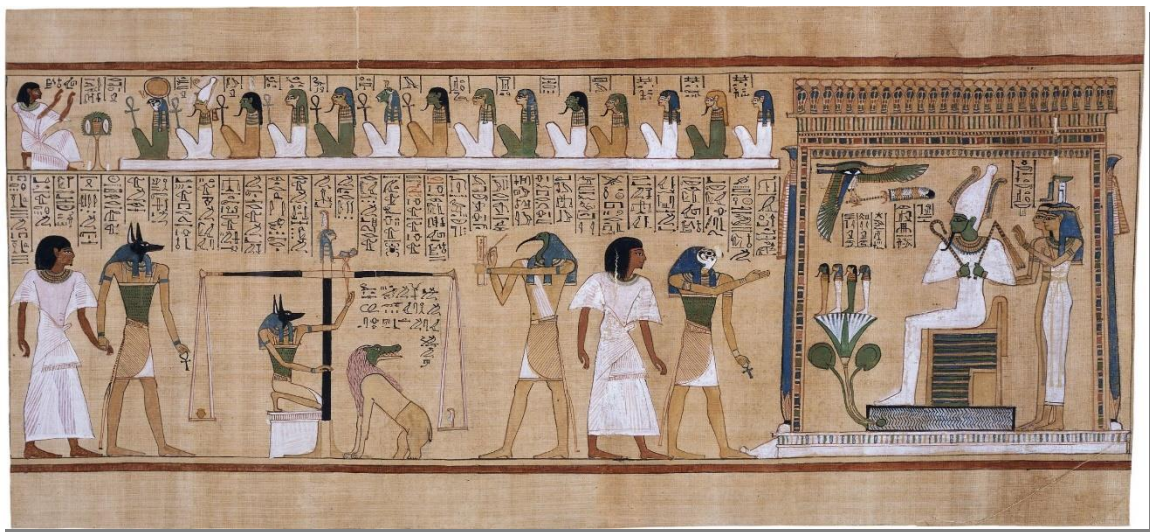
É a razão pela qual artistas (HIRST, 1991; 2007) procuram representar a beleza inclusive da morte, o que causa estranheza, é tão chocante que até pode “transformar” a sensibilidade, pois há uma dissociação (morte-arte), que não é o que se esperaria encontrar, não estando no nosso imaginário da morte.

A propósito, Greimas e Fontanille (1993, p. 29) registram que “o sujeito experimenta o valor na primeira dissociação de que ele mesmo é engendrado; a emoção estética poderia ser interpretada como ressentir dessa cisão”. Ao mostrar o que se evita ver, ou mesmo pensar (morte), provoca-se cisão no imaginário e cria-se um “mistério” por “deslocar nosso senso de familiaridade” (GEERTZ, 2008, p. 10).



A imagem artística seguinte, relacionada ao Egito Antigo, é o “papiro de Hunefer” que visualmente detalha o julgamento de Osíris, o que é bastante misterioso, faz parte do imaginário egípcio antigo. Algo que vem sendo preservado com o uso das imagens é conhecido na contemporaneidade por rosacruzistas mais antigos que tiveram oportunidade de vivenciar um ritual de simulação do julgamento de Osíris. Uma imagem do imaginário egípcio antigo que se mantém viva pelas tradições da Antiga e Mística Ordem Rosacruz.

Figura 9 – Julgamento de Osíris.



Fonte: Hunefer (2019).

Por outro lado, no imaginário do catolicismo foram construídas muito imagens artísticas ao longo dos tempos para tornar visíveis as crenças e ensinamentos cristãos, como a do purgatório, que se vê na imagem a seguir.

Imagem 7: Almas do purgatório.



Fonte: Sim sou católico, 2020.

Na imagem 7 destaca-se a imagem de Jesus Cristo, acima, ladeado pelos que estão salvos, olhando para as almas que se encontram no purgatório e que estão clamando perdão, misericórdia e, à direita, no alto, anjos tocam trombetas. Durand (2019, p. 204) registra que se Cristo submeteu à passagem, venceu a morte, e acompanha os “mortais na viagem” pós-morte. O que se aproxima do imaginário egípcio antigo, em que talvez tenha sido inspirado: “Tal aparece Cristo, como Osíris...” (DURAND, 2019, p. 300), que morreu e ressuscitou e dirige o Julgamento de Osíris, um ritual de pesagem do coração do morto, acima referido.

No Catolicismo, há uma concepção sobre purgatório, inferno, céu e outras, e de santos, como os que aparecem nas figuras nas igrejas, imagens com as quais nós estamos mais familiarizados, pois integra o imaginário ocidental e são parte de nossa cultura. Integram a arte esotérica com que se construiu o imaginário ocidental católico.

Destaca-se assim a riqueza de abordagens que a coletânea de textos sobre o desvendar dos mistérios organizada por Uhry (2021) nos proporciona: de um lado, o confronto do mistério da morte católico, muito presente em nosso imaginário; de



outro lado, as concepções dos “mistérios” da morte no Antigo Egito, que surpreendentemente ainda se refletem hoje em nós ocidentais, como no caso do julgamento de Osíris e outras práticas do rosacrucianismo moderno.

Tais concepções também podem ser confrontadas com os “mistérios” das concepções de morte e vida no budismo tibetano e no Bhagavad Gita indiano, que fazem parte do imaginário oriental. E, indo além de tais comparações e reflexões, no artigo “Fases da morte na Arte” (LOUSA; MIKOSZ, 2021), ao representar de forma estética a morte, algo que o bom senso considera a ser evitado, provoca-se uma estranheza, cria-se um “mistério” ao deslocar nosso senso de familiaridade, ao abordar artisticamente e chocar nosso imaginário da morte.

## **Conclusão**

Assim é possível considerar que as diferentes perspectivas artísticas relacionados aos mistérios da vida e da morte nos ajudam a construir imagens que compõem os imaginários budista tibetano, indiano do Bhagavad Gita, egípcio antigo com reflexos atuais no imaginário rosacruz, católico brasileiro e a própria morte em si, a partir de um recorte estético-artístico de panorama internacional que choca nossa concepção tradicional da morte.

Finalmente salienta-se que as imagens artísticas sobre a morte, a vida e o renascimento (ou reencarnação) podem contribuir para possibilitar mais informações visuais sobre os mistérios da existência. Talvez as imagens apresentadas possam ser associadas ao que denominar de arte visual esotérica, que é um aspecto essencial nas concepções esotéricas que podem ser relacionadas aos mistérios da vida e da morte nas perspectivas budista tibetana, indiana do Bhagavad Gita, da morte vista estética e artisticamente de forma inovadora, na egípcia antiga e seus reflexos atuais e na católica brasileira.

Assim, a partir de uma sintética interpretação semiótica, pode-se sugerir que as imagens artísticas são fundamentais em contribuir para a construção de tais concepções esotéricas, o que constitui uma questão inovadora e instigante que merece seu mais pesquisada.



## Referências

ANTIGA E MÍSTICA ORDEM ROSACRUZ (AMORC). **Glossário de termos e conceitos da tradição rosacruz da AMORC**. MARQUES, H. M. (Coord. e Superv.); BERNI, L. E. V. (Organizador). Curitiba: AMORC GLP, 2011.

COLEMAN, G.; JINPA, T.; DORJE, G. **O livro tibetano dos mortos A grande libertação pela auscultação nos estados intermediários**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FONTANILLE, J. **Significação e visualidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Atlas, 1993.

HIRST, D. **The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living**. 16 October 2017. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?curid=4651381>. Acesso em 25 mar. 2023.

HIRST, D. **For the Love of God**. 9 January 2018. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?curid=13271224>. Acesso em 25 mar. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISAS PSÍQUICAS IMAGICK. **Mahabharata**. Disponível em: <http://www.imagick.org.br/apres/ArtigoTextos/Textos%20TradicoesReligisoas/mahabharata.html>. Acesso em 18 mar. 2020.

INSTITUTO ISHINDO. **A roda do samsara**. Disponível em: <http://www.ishindo.org.br/roda-samsara/>. Acesso em 18 mar. 2020.

LEGROS, P.; MONNEYRON, F.; RENARD, J.-B.; TACUSSEL, P. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LOUSA, T.; MIKOSZ, J. E. Faces da morte na Arte: recortes da estética do macabro. *In*: UHRY, R. (Org.) **Desvendando mistérios da vida e da morte: Pesquisas Núcleo URCI**. Curitiba. Middletown: Ind. Publ. Amazon, 2021, p. 89-115.

MISTERIOSA ÍNDIA. **Samsara o eterno ciclo do nascimento**. Disponível em: <http://misteriosaindia.blogspot.com/2016/09/samsara-o-eterno-ciclo-de-nascimento-e.html>. Acesso em 18 mar. 2020.



SILVA, J. M. **Diferença e descobrimento:** o que é o imaginário? (A hipótese do excedente da significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.

SIM SOU CATÓLICO. **Almas do Purgatório.** Disponível em: <http://www.simsoucatolico.com.br/2017/10/novena-pelas-almas-do-purgatorio-composta-por-santo-afonso-maria-de-ligorio.html#.XnN0bXJ7nIU>. Acesso em 18 mar. 2020.

SOU INDIGO. **A roda do samsara.** Disponível em: <https://souindigo.wordpress.com/category/roda-de-samsara/>. Acesso em 18 mar. 2020.

UHRYS, R. (Org.) **Desvendando mistérios da vida e da morte:** Pesquisas Núcleo URCl Curitiba. Middletown: Ind. Publ. Amazon, 2021.

Recebido em 25/03/2023, aceito em 10/04/2022